

A Iconoclastia da Ciência no Pensamento de Paul Feyerabend*

Luiz Henrique de Lacerda Abrahão

Graduando do curso de Filosofia / UFOP

RESUMO: Em nossos dias, as discussões sobre a ciência - sua racionalidade, metodologia e valor - permeiam os campos da epistemologia, sociologia do conhecimento, história da ciência e antropologia. Destarte, a questão dessa exposição é simples: trata-se de apresentar resumidamente o anarquismo epistemológico defendido por Paul Feyerabend e, em seguida, procura-se compreender a crítica que o autor endereça à ciência ocidental e ao racionalismo científico, ambos entendidos como tradições culturalmente dependentes, o que visa reconsiderar sua importância no âmbito do conhecimento.

ABSTRACT: Nowadays the issues about science - its rationality, methodology and value - permute the fields of epistemology, sociology of knowledge, history of science and anthropology. Therefore the point of this paper is simple: I aim at showing briefly Feyerabend's defense of epistemological anarchism and comprehend his criticism to Western science and rationalism, both understood as traditions culturally dependents, what aspire to review their importance in the field of knowledge.

Palavras-chave:

Paul Feyerabend, anarquismo epistemológico, ciência, racionalismo, filosofia da ciência.

keywords:

Paul Feyerabend, epistemological anarchism, science, rationalism, philosophy of science.

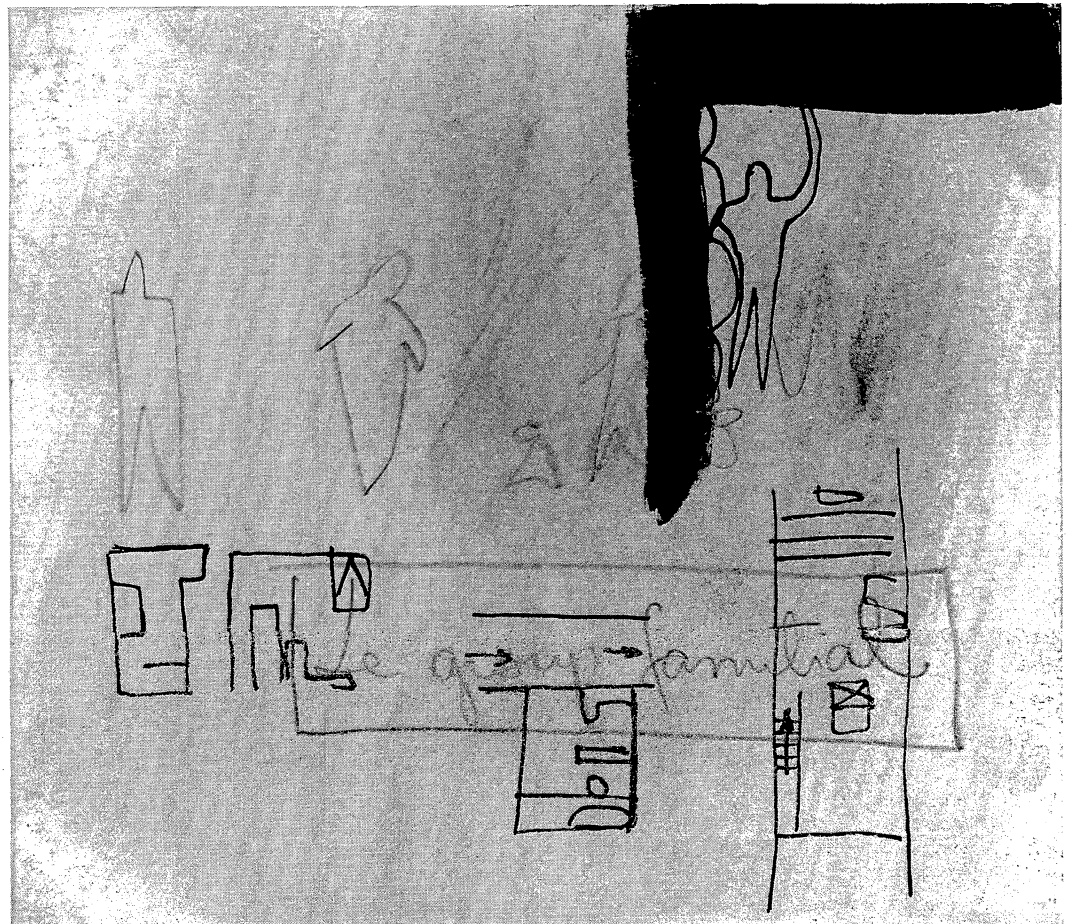
"Não se trata absolutamente de fuga para o sonho ou o irracional. Quero dizer, é preciso mudar de ponto de observação, outra ótica, outros meios de conhecimento e controle". (Italo Calvino, Seis Propostas para o Próximo Milênio, 1990, p. 19)

I - Situar a Discussão

A consolidação do pensamento científico no século XVII foi um evento divisor da passagem da época clássica para a modernidade do Ocidente.

Naturalmente, esse acontecimento marca de tal forma pensadores fundamentais como Descartes e Kant que seus trabalhos vão refletir vivamente a preocupação de se responder à questão das bases do conhecimento segundo uma profunda reflexão acerca da metodologia da Ciência Nova. Com efeito, a imagem de que a ciência se orienta por métodos universais e regras de pesquisa fixas, hoje um *lieu commun* na sociedade contemporânea, pode ser tributada ao gênio de autores como Tycho

* Este artigo é um resumo da Iniciação Científica "Paul Feyerabend: Contra a Unicidade da Verdade", com financiamento do PIP/UFOP (2004), ao qual adiciono alguns dos resultados parciais da pesquisa intitulada "Incomensurabilidade de Teorias e Racionalidade Científica em Paul Feyerabend" (2005), em andamento sob esmerada orientação do prof. Dr. Olímpio José P. Neto (Filosofia - UFOP) e co-orientação do prof. Dr. Mauro Lúcio L. Condé (História - UFMG). Aproveito ainda para agradecer ao prof. Dr. Renan Springer de Freitas (Sociologia e Antropologia - UFMG) pelo apoio irrestrito e pelas críticas e sugestões referentes ao conteúdo desta exposição.



Brahe, Kepler ou Galileu bem como ao considerável esforço de divulgação científica por parte de instituições como a *Royal Society* (1660) de Londres ou a *Académie Royale des Sciences* (1666) de Paris. Entretanto, foi no século XIX que os vigorosos debates sobre a metodologia científica se consolidaram, agora sob indelével influência dos *Princípios Matemáticos da Filosofia Natural* (1687) de Isaac Newton. Após o estabelecimento da união entre o método experimental e a matematização da representação do mundo como o modelo da racionalidade científica, desde então os cientistas passaram a entender que as leis naturais deveriam ser derivadas dos fenômenos e que só a partir daí é que se poderia erigir hipóteses científicas sobre os fatos. Portanto, segundo essa concepção "clássica", as regras seriam "elementos constituintes da 'racionalidade'" (Feyerabend, 1988, p. 10) e os cientistas deteriam os métodos mais eficazes para empregá-las. Além disso, os inigualáveis avanços tecnológicos efetuados naquele campo contribuem sobremaneira para a sedimentação da idéia de que a ciência possui um acesso privilegiado à verdade em virtude de seus métodos e do valor incontestável de seus argumentos e resultados.

Contudo, a epistemologia pós-positivista desenvolvida a partir de 1960 sentiu fortemente o impacto da denominada "crise da racionalidade científica" ocorrida na virada do século XIX para o XX, período no qual vemos o colapso da física newtoniana - até então encarada como o ápice da racionalidade humana - e o aparecimento da mecânica quântica e da física relativista de Einstein (Gargani, 1983). Neste sentido, ombreado com Thomas Kuhn, autor do consagrado *A Estrutura das Revoluções Científicas* (1962), o pensador austríaco Paul Feyerabend (1924-1994) apresentou uma das mais contundentes críticas do valor do saber científico já ensaiadas em terrenos filosóficos. A obra desse filósofo, que ficou mais conhecido entre nós pelo apressado rótulo de "o pior inimigo da ciência" (*Scientific American*, May/1993, p. 16), possui ao menos duas pretensões que são mais marcantes. Em primeiro lugar, trata-se de denunciar a falta de um fundamento metodológico aplicável a todas teorias ou empreendimentos científicos, o que surge após o confronto de certos princípios axiológicos das correntes neopositivistas com uma abordagem histórica da física - esta tomada como ciência paradigmática. Sua obra-chave, o livro *Contra o Método* (1975), pretende evidenciar que as reconstruções "lógico-analíticas" dos eventos científicos não correspondem à prática científica real e que o êxito da ciência frente a outras formas do conhecimento se deve, além do seu inegável refinamento teórico, a certos influxos sociais, econômicos ou políticos. Por outro lado, afirma-se que as idéias ou tecnologias científicas não possuem um valor

universal, o que nos leva a considerar que a ciência não pode reclamar para si um lugar de superioridade frente a outras tradições. Diante desse quadro, a reflexão de Feyerabend habilita-nos a perceber que não há qualquer motivo puramente "objetivo" ou "racional" que assegure a excelência da ciência, mitigando assim aquela crença tão difundida em nosso tempo: a de que a essa forma de investigação denominada *scientia* possui um acesso privilegiado à verdade.

II - Às Voltas com o Anarquismo Epistemológico

Podemos enxergar Paul Feyerabend como um dos principais e mais competentes opositores das tendências da epistemologia que pretenderam, de alguma forma, normatizar a prática científica com a imposição de "um" método. Sua análise seria, portanto, uma reação direta contra o "racionalismo crítico" de Karl Popper e o "falseacionismo sofisticado" de Imre Lakatos. Nos seus respectivos estudos, *Conjecturas e Refutações* e "O Falseamento e a Metodologia dos Programas de Pesquisa", tais autores apresentam uma abordagem afirmativa do progresso científico, embora diverjam em pontos importantes, sobretudo quanto à validade científica do uso de hipóteses *ad hoc*² - mecanismo considerado por Popper uma "improbabilidade intelectual", enquanto Lakatos entende seu uso como algo essencial para o progresso científico. Contudo, vistos de relance, tanto Popper como Lakatos compartilham da idéia de que a superioridade da ciência relaciona-se intimamente com o fato de tal modelo investigativo ser a única postura intelectual que deliberadamente "persegue o erro". Isto é, diferentemente de outras formas de conhecimento (como a religião ou o mito), a pesquisa científica busca sempre se desenvolver a partir de suas falhas e contra-exemplos. Entretanto, se por um lado Feyerabend vai recusar o modelo dos programas de pesquisa lakatosianos por considerá-los um tipo de "anarquismo disfarçado", mais forte ainda será sua rejeição do receituário epistemológico do "racionalismo" de Popper ao notar, enfim, que as "conjecturas e refutações" não tiveram tanta importância na história da física.

Mas, em uma visada mais detida, o livro *Contra o Método* pode ser lido como uma contraposição a toda filosofia da ciência positivista que insistiu em refundamentar a ciência face à crítica cética de Hume ao indutivismo. Segundo Ray (2002, p.245), ao lado da herança do empirismo inaugurado pelo filósofo inglês, o legado do método de ciência empírica de E. Mach para a epistemologia dos primeiros anos do século XX é enorme. Pois: sustentando uma concepção de física que recusa todas as concepções metafísicas (como as noções de Tempo/Espaço "absolutos" contidos na teoria de Newton) nos enunciados

1. Embora controversa, adotamos aqui a distinção proposta por Koyré (1956, p. 14, n. 11) segundo a qual a "ciência clássica" é a física pós-Galileu - ou pré-quântica. Outro modo, para nos referirmos à a física einsteiniana, devemos adotar a designação "física moderna".

2. As *ad hoc* são expedientes teóricos utilizados para explicar provisoriamente certos fatos que não estão corroborados pelas teorias estabelecidas. Diferentemente, ou seja, sem as essas "hipóteses auxiliares", os novos fatos não passaríamos de eventos espúrios e contraditórios.

teóricos; e defendendo, por conseguinte, que as percepções são as fontes admissíveis para garantir o sentido das descrições físicas, o físico apresentava uma posição que podemos chamar de "empirismo sensista". (E a preocupação central da tradição positivista em distinguir ciência de "metaciência", ou metafísica, através do *princípio de verificação* tem ali seu fundamento.)

Adotando o formalismo matemático como paradigma, afirmando que a física é o modelo ideal de ciência e empregando a lógica simbólica para analisar o conteúdo das proposições científicas, o Círculo de Viena - representante mais ilustre da "tendência analítica" da epistemologia dos anos 1930 - propunha que a ciência trabalhasse segundo regras lógicas, as quais serviriam para estipular uma "unidade metodológica para todas as atividades desse domínio" (Kneller, 1980, p.57), postura que significaria a "unificação das ciências" (*Einheitswissenschaft*). Em linhas muito gerais, este ideal do *monismo teórico* orientava os cientistas (i) a afastar as hipóteses *ad hoc*, (ii) não aceitar hipóteses que entrassem em confronto com resultados bem estabelecidos, (iii) afastar teorias cujo conteúdo empírico fosse inferior ao das hipóteses estabelecidas e (iv) recusar teorias auto-inconsistentes (Preston, 1997, p.172).

Confrontando tais normas com a história do desenvolvimento científico³, Feyerabend visa demonstrar que, para confirmar suas hipóteses, cientistas célebres de todas as épocas (tais como Galileu, Boltzmann, Bohr ou Einstein), abrindo mão das operações planejadas, teriam utilizado maquinações retóricas, hipóteses *ad hoc* e diversos outros artifícios, os quais violariam as normas assinaladas acima. Neste horizonte, contrariamente aos contornos positivistas, a história da ciência se revela de tal forma complexa que estão ausentes quaisquer parâmetros capazes de conduzir a prática da ciência como um todo. Diante disso, ele precisará insistir na idéia de que o controverso mote "vale tudo" (*anything goes*, também traduzido por "qualquer coisa serve") seria o único princípio não-restritivo suscetível de ser defendido em todas as fases da história da ciência. Certamente, com esse *slogan* - que se consagrou como a marca mais impregnante do seu "anarquismo epistemológico" - Feyerabend não pretende dizer que "todas as regras e critérios são inúteis e devem ser postos de lado" (Feyerabend, 1993, p. 314). Doutro modo, ocorre-lhe destacar que todos os tipos de regras, sejam elas absolutas ou contextuais, possuem limites. Ele não nega que "as ciências podem avançar de forma ordenada"; mas afirma, por outro lado, que "os padrões que se verificam não são estáveis nem podem ser universalizados" (Feyerabend, 1991, p.21).

Aqui, vale tentar desfazer um equívoco comum nas interpretações da posição de

Feyerabend quanto à metodologia científica: trata-se de se esquivar da confusão do anarquismo teórico acima exposto com um tipo de "anarquismo ingênuo". O texto *Contra o Relativismo: uma Defesa Filosófica do Método*, de J. F. Harris, pode ser visto como um trabalho que exemplifica essa leitura enganosa. Ao afirmar que a filosofia da ciência de Feyerabend é *nonsense*, auto-contraditória e inconsistente em termos práticos e políticos, o autor escreve:

"Feyerabend advoga o desapego a todas as regras que supostamente restringem a livre investigação, fornecendo-nos uma visão razoável do motivo pelo qual deveríamos concordar com ele. Ele escreve longos tratados sobre porquê deveríamos preferir o anarquismo intelectual total às tradicionais posturas de racionalidade e método; fazendo isso, ele confirma o mesmo método o qual maldiz. Um jogo sem regras não é um jogo. Ciência sem regras não é ciência. Meta-ciência sem regras não é meta-ciência. Filosofia sem regras não é filosofia" (Harris, 1992, p.193).

Ora, embora Feyerabend afirme (i) que todos os tipos de regras, sejam elas absolutas ou contextuais, possuem limites, que todas as metodologias científicas já foram violadas e que não existe uma "racionalidade englobante"; como dissemos, não se encontra dentre seus escritos a consideração de que (ii) "todas as regras e critérios são inúteis e devem ser postas de lado". Elucidando sua posição, já nas primeiras linhas do artigo "Sobre a Validade Limitada das Regras Metodológicas" (1972), ele afirma:

"É indubitável que a aplicação de regras claras, bem definidas e sobretudo 'racionais' ocasionalmente levam a resultados. Um grande número de descobertas devem sua existência ao procedimento sistemático de seus pesquisadores. Entretanto, não segue disso que existem regras as quais devem ser obedecidas por todas as ações intelectuais e todas pesquisas científicas. Ao contrário, é totalmente improvável que exista um tal sistema de regras, uma tal lógica da descoberta, a qual permeie todo o raciocínio sem obstruí-lo em qualquer nível" (Feyerabend, 1999, p.138).

Segundo o autor, o desenvolvimento do conhecimento científico está intimamente ligado à *proliferação teórica* e ao teste do maior número de teorias possível, o denominado *pluralismo metodológico*. Pressupondo que "todas as regras, mesmo as mais óbvias, têm os seus limites" (Feyerabend, 1993, p.39), o austríaco insiste que grandes personagens da ciência - os casos são abundantes nos escritos do autor - procederam contra-indutivamente, isto é, inventaram teorias alternativas que prediziam fatos que as teorias estabelecidas não podiam explicar. Inclusive, a narrativa do "Caso Galileu" que encobre grande parte de *Con-*

3. Para as narrativas historiográficas sobre a física clássica e moderna, baseamos-nos principalmente Motz & Weaver (1992).

tra o Método pretende nos convencer de que a promoção do sistema copernicano e a conseqüente recusa do modelo aristotélico-medieval é um exemplo notável de sua perspectiva acerca do tema. Feyerabend avoluma seu livro em busca de assegurar que, para que ocorresse o desenvolvimento da ciência e a confirmação das "novas evidências", Galileu e os demais adeptos do copernicanismo precisaram muito mais do que simplesmente "virar o telescópio para o céu" e apresentar a seus contemporâneos e predecessores as supostas manchas no Sol, as fases de Vênus e as crateras na Lua. Para convencer-lhes e "reformular a inteligência" de homens como Gremonini, o qual se recusava a olhar para o céu através da luneta, o cientista pisano precisou empregar "hipóteses auxiliares", publicar em idioma vulgar - o italiano, e não em latim - e forjar teorias não corroboradas pela experiência. Só assim, pensa Feyerabend, os "quadros mentais" baseados na física aristotélica puderam acolher aquelas informações que, segundo os magistras *Estudos Galilaicos* de Alexandre Koyré (1986, p. 18), fundam - para além de toda a noção instrumentalista ou experimentalista - a ciência moderna: a geometrização do espaço e a dissolução da noção de Cosmos.

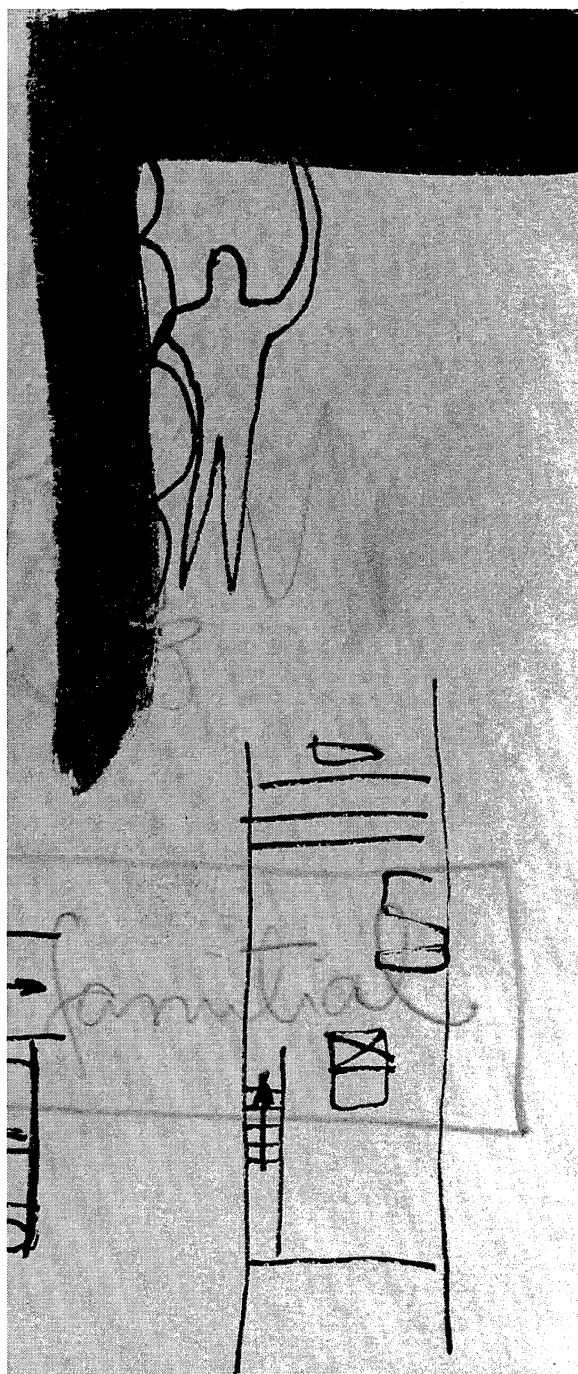
III - Duas Condições do Neopositivismo: Consistência Lógica e Invariância do Significado

O empirismo acentuado do Círculo de Viena, posteriormente aprimorado com a tendência pragmátista norte-americana presente nos trabalhos de Carl G. Hempel e Ernest Nagel, orienta os cientistas a esposarem algumas normas para sua investigação e adotá-las como critério de seleção teórica. A que mais se destaca dentre elas, a *condição de consistência*, determina que uma teoria confirmada em certo domínio deve prevalecer até que ela seja refutada ou até que surjam novos fatos que a invalidem. Todavia, esta regra, se levada à risca, impede o desenvolvimento de teorias incompatíveis e obriga o investigador a utilizar apenas um número limitado de teorias consistentes entre si. Ademais, o cumprimento dessa norma exige a *condição de invariância* do significado, ou seja, que os termos teóricos sejam estáveis em seu sentido no que respeita ao avanço científico.

Segundo Feyerabend, a condição de coerência, regra esta que "é tomada como ponto assente por numerosos cientistas e filósofos da ciência do século XX" (Feyerabend, 1993, p. 40, n. 1), foi infringida, por exemplo, na incorporação da lei da "queda livre" de Galileu na teoria de Newton. Enquanto a aceleração da queda livre é uma constante na física galilaica, "da aplicação da lei de Newton à superfície da Terra resulta uma aceleração que decresce (embora imperceptivelmente) com a distância

do centro da Terra" (Feyerabend, 1999, p. 85). Além disso, a regra de derivação lógica limita o progresso da ciência caso seja incorporada ao procedimento científico na medida em que impõe a restrição de que a nova teoria deve ser consistente com as teorias estabelecidas. Diante disso, não se pode deixar de mencionar que o único nível de avaliação dessa regra "reside na idade e no hábito", donde, "se a teoria mais recente fosse a primeira, a condição de consistência funcionaria em seu favor" (Feyerabend, 1993, p.41).

É semelhante a situação com a condição de invariância. Historicamente, na redução da mecânica clássica à teoria da relatividade, o termo "massa" sofreu uma considerável variação em seu significado. Enquanto na primeira aquele conceito significava uma quantidade de matéria extensa pertencente a um certo espaço, a qual pode ser modificada a partir de interferências físicas, na segunda o termo implicava uma relação entre o objeto e



um certo quadro referencial, relação esta que não pode sofrer modificação com interações físicas (Feyerabend, 1999, p.86; Gargani, 1983, p.25). Assim, como observa Suppe (1974, p.174), "o termo 'massa' possui, nas duas teorias, um significado diferente e inclusive incompatível". Mas, além de demonstrar sua incompatibilidade histórica, a crítica feyerabendiana à condição de invariância defendida por Ernest Nagel em *A Estrutura da Ciência* (1961) decorre ainda de uma outra influência: a filosofia de Ludwig Wittgenstein contida nas *Investigações Filosóficas* (1953).

Na pormenorizada resenha que empreende sobre aquele livro para a revista *Philosophical Review*, em 1955, Feyerabend afirma que podemos encontrar uma "nova" teoria do conhecimento ou do significado em Wittgenstein. "A teoria da linguagem de Wittgenstein", declara ele, "pode ser entendida como teoria construtivista [pragmatista, contextual ou instrumentalista] do significado, isto é, um construtivismo válido não apenas para as expressões matemáticas, mas para os significados em geral" (Feyerabend, 1981a, p.111, n.12). Contrapondo-se às concepções representacionistas, para as quais o sentido das palavras estaria assegurado pela sua correspondência biunívoca com os objetos, o "segundo" Wittgenstein sustenta que é o emprego das palavras, dentro de certos contextos, que estipula qual seu significado - ou mesmo se elas têm sentido. Diante disso, Feyerabend desaloja o modelo reducionista inspirado na idéia wittgensteiniana de que "o significado de um termo não é uma propriedade intrínseca [à palavra], mas depende do modo como o termo foi incorporado na teoria" (Feyerabend, 1981b, p.74). Como ele escreve alhures:

"O significado dos termos que usamos dependem do contexto teórico em que eles ocorrem. Portanto, se consideramos dois contextos com princípios básicos que ou se contradizem ou conduzem a conseqüências inconsistentes em certos domínios, é de se esperar que alguns termos do primeiro contexto não ocorrerão no segundo com o mesmo significado" (Feyerabend, 1989, p. 116).

Podemos observar que grande parte da argumentação de Feyerabend busca encontrar elementos na história da ciência que invalidem a perspectiva de que existem métodos rígidos para a atividade científica. Diante disso - já estamos aptos a dizer -, o modelo de racionalidade defendido por alguns lógicos, epistemólogos ou cientistas ortodoxos não pode ser depreendido da própria história do desenvolvimento científico: as descrições analíticas não são suficientes para dar conta da mudança teórica na ciência. Segundo Feyerabend, este é um argumento bastante forte contra aqueles "admiradores da ciência e escravos da razão" que entendem os

enunciados científicos como a descrição espelhada, correta e fiel da realidade - suplantando os mitos, a arte ou demais formas de organizar o mundo.

IV - Considerações sobre a História do Racionalismo Científico

Na fase madura de sua filosofia, em especial nos trabalhos publicados a partir de meados dos anos setenta, Feyerabend considerou valioso estudar as origens do racionalismo ocidental e seus inconvenientes (Feyerabend, 1981b, p.xiv). Para ele tais aspectos não estavam suficientemente apresentados: o dogmatismo da tendência analítica (R. Carnap, C. Hempel, para citar alguns representantes do Positivismo Lógico) escondia a estrutura das teorias científicas na roupagem excessivamente técnica que é própria à lógica e à matemática.

Feyerabend nota que o ideal da "grande racionalidade" (remetemo-nos aqui aos termos de Foucault) que impera nas práticas científicas tal como as concebemos atualmente reporta suas origens à Grécia nos primórdios da filosofia. À diferença do senso comum homérico, no qual existiam conceitos pouco claros, limitados, mas funcionais; o racionalismo, denominado ainda por "tradição abstrata" ou "teórica", privilegia as relações abstratas entre conceitos claros e amplos (Feyerabend, 1993, p.297). Atribui-se sobretudo à crítica de Xenófanes aos deuses homéricos o pontapé inicial do racionalismo científico. O pensador de Cólofon, que pode muito bem ser considerado o "primeiro intelectual" do Ocidente, em nome das novas idéias filosóficas, colocou-se contra o vulgo e contra as concepções antropomórficas dos deuses em seus poemas satíricos (Feyerabend, 1991, p.112). O racionalismo ainda trouxe consigo o célebre dualismo - inexistente no contexto da Grécia arcaica, mas constituinte da física cartesiana e galilaica - entre o mundo inteligível e as aparências, e as armas que os filósofos utilizaram para formular os conceitos que sustentam essa distinção foram a retórica e a *peithó* (persuasão). Feita a digressão, Feyerabend nos faz enxergar que o aparecimento e a consolidação da "tradição abstrata" emergiu do interesse de um certo grupo, do qual faziam parte alguns filósofos como Parmênides e Platão, consolidando-se posteriormente com os trabalhos de filósofos naturais como Galileu, Descartes e Newton. Para caracterizá-lo segundo o tipo de saber por ele enunciado, em contraposição com o saber da "tradição histórica" ou "empírica", o racionalismo científico defende teorias universalizantes, meta-históricas, as quais têm sua melhor caracterização nos juízos apodícticos expressos nas "leis universais" da ciência. Numa perspectiva sincrônica⁴, não se trata de outra coisa senão da já consagrada distinção grega entre a dóxa e a epistême.

4. Aqui se entende que o fator determinante da história não é a cronologia (diacronia), mas certos elementos remanescentes, tais como: o dualismo aparência-realidade, mente-corpo ou a própria noção de *epistême* ("saber verdadeiro", em tradução prosaica).

Diante disso, cumpre perguntar: qual dessas tradições é preferível?, ou ainda, qual daqueles conhecimentos é mais seguro ou mais competente para descrever a realidade?

Abordando essas questões segundo a nossa formação platônico-racionalista, costumamos identificar tudo o que não é *epistême*, isto é, filosófico-científico, como *arte*, ficção, literatura, poesia, mito, fantasia, *dóxa*; e vemos a tradição "abstrata" como o discurso que oferece teorias universais, indubitáveis, racionais, lógicas, verdadeiras, etc. Criticando essa postura, Feyerabend afirma que os critérios dos racionalistas não podem ser a única medida de escolha entre tradições. Ou seja, a escolha pela ciência não pode recorrer a argumentos científicos, mas deve ser buscada em domínios extracientíficos. Reportando-nos novamente às *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein, texto do qual Feyerabend foi um leitor entusiasta, basta dizer que os critérios que utilizamos e as "regras que seguimos" só possuem sentido em um mundo dotado de uma determinada ordenação (ou *gramática*). Em um âmbito que não possua esta estrutura, tais modelos ou regras se tornam inaplicáveis - e por que não dizer inúteis? Em um trecho polêmico, Feyerabend insiste que

"tanto as tradições históricas [empíricas] quanto as tradições teóricas são tradições de direito próprio, com suas leis, objetos, métodos de investigação e crenças [filosofias] associadas. O racionalismo não introduziu ordem e saber onde antes havia caos e ignorância; introduziu um tipo de ordem especial, estabelecido por processos especiais e diferentes da ordem e dos processos das tradições históricas" (Feyerabend, 1991, p. 144).

O racionalismo científico seria, por conseguinte, um sistema de crenças tácitas compartilhadas, uma tradição entre muitas - e não o critério no qual outras tradições devam se espelhar. Em *A Ciência em uma Sociedade Livre* (1978) Feyerabend declara que as tradições tornam-se "boas" ou "más" apenas quando são mutuamente comparadas. Não existem tradições "melhores" que outras nem juízos ou critérios que são introduzidos "objetivamente" (note-se: a objetividade é ela mesma um critério do racionalismo). As regras são, pois, instrumentos inventados arbitrariamente para a organização de certos elementos da realidade (Feyerabend, 1988, p.26).

V - Conclusão

Em que se pese as intensas críticas a que o conhecimento científico tem sido submetido nas últimas décadas por parte de filósofos, sociólogos do conhecimento e da técnica, historiadores da ciência e antropólogos, ainda hoje entendemos que a "respeitabilidade à expansão ocidental em termos intelectuais" procede, se não dos seus procedimentos metodológicos, certamente dos indubitáveis

resultados da ciência. Contudo, ao fazê-lo, negligenciamos uma importante lição: a de que os frutos da ciência não cumprem esse papel - pois o que conta neste sentido é a grandeza que lhes é conferida, o valor que recebem no interior da cultura. Quanto a isso, Feyerabend (1993, p. 326) afirma que os resultados da ciência só são importantes nas sociedades cujas concepções de mundo os adota como medidas de relevância e assim os seleciona. Como esclarece Preston (1997, p.206), "os produtos da ciência são intrinsecamente válidos apenas se o indivíduo já adotou os modelos da racionalidade científica como medida de excelência". A ciência, seus produtos, idéias, argumentos e tecnologias (televisão em cores, computadores, viagens à Lua, etc.) não são universalmente adequados: eles só se tornam objetos de projeção em uma sociedade que os interpreta positivamente.

Para remate, podemos afirmar que o fato da "realidade" ser hoje esmiuçada pelo conhecimento científico resulta da sociedade moderna ter passado a adotar os "critérios científicos de admissibilidade" em detrimento das orientações não-científicas (Feyerabend, 1993, p.337). Mas, se os fatores científicos são fruto do desenvolvimento histórico e social do racionalismo, este inclinando-se para a ciência, a racionalidade seria, em última análise, a escolha ou a seleção de um elemento - geralmente quantitativo, e não qualitativo como vemos no pensamento aristotélico -, o qual um grupo seleciona de acordo com certas orientações. Assim, podemos considerar a Razão (com maiúscula) tal como a entendemos, aplicamos e louvamos como produtora de enunciados verdadeiros, uma *entidade culturalmente dependente*. Todavia, esta constatação não implica que o conhecimento científico deva ser rejeitado - como uma leitura mais grosseira dos trabalhos de Feyerabend insiste em sustentar. O pensador austríaco está bem ciente de que a cultura ocidental está dominada pelas idéias e tecnologias científicas. Entretanto, ele julga ser sensato não tomarmos a ciência e o racionalismo como as únicas descrições da realidade. Com isso, ecoando o discurso da antropologia cultural, baseando-se prioritariamente nos estudos do antropólogo inglês Evans-Pritchard, responsável por importantes descrições sobre o comportamento das tribos Nuer e das práticas oraculares e de bruxaria dos Azande, Feyerabend conclui que "existem muitos modos de vida, que as culturas diferentes da nossa não são erros, mas o resultado de uma delicada adaptação a envolventes específicas, e que encontraram, em vez de terem perdido, os segredos de uma boa vida" (Feyerabend, 1999, p.13).

Com esta ligeira exposição da filosofia de Feyerabend esperamos ter demonstrado a relevância de sua reflexão e a quais questões ela pode nos conduzir, apontando então sua iconoclastia com relação aos aclamados

progressos da ciência na contemporaneidade, os quais, invariavelmente, ostentam um *status* tal, que ainda norteiam fortemente as concepções com as quais o sujeito e a sociedade contemporânea lidam com o mundo. Neste sentido, sua filosofia (que já não se restringe à epistemologia) revela o ponto em que sua natureza pode recair verticalmente por

sobre os elementos que constituem a cultura atual como um todo: repensar com este filósofo o valor da ciência e da tradição racionalista em nossa cultura significaria compreender, com alguma crítica, nossa relação com o conhecimento, com a realidade, com a racionalidade e, ulteriormente, com a própria verdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALVINO, I. (1990), *Seis Propostas para o Próximo Milênio - Lições Americanas*. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo, Companhia das Letras.
- FEYERABEND, P. (1991), *Adeus à Razão*. Tradução de Maria Georgina Segurado. Lisboa, Edições 70.
- _____. (1993), *Contra o Método*. Tradução de Miguel S. Pereira. Lisboa, Relógio D'Água.
- _____. (1989), "How to be a good Empiricist - A Plea for Tolerance in Matters Epistemological", in Baruch A. Brody and Richard E. Grandy (Orgs.), *Readings in the Philosophy of Science*. New Jersey, Prentice Hall, Englewood Cliffs: 104-123.
- _____. (1999), *Knowledge, Science and Relativism*. Edited by John Preston. Cambridge, Cambridge University Press. (Philosophical Papers, v. 3)
- _____. (1981a), *Problems of Empiricism*. New York, Cambridge University Press. (Philosophical Papers, v. 2)
- _____. (1981b), *Realism, Rationalism & Scientific Method*. New York, Cambridge University Press. (Philosophical Papers, v. 3)
- GARGANI, A. (1983), "Introducción", in A. Garani (Org.), *Crisis de la Razón: Nuevos Modelos em la Relación entre Saber y Actividades Humanas*. México: Siglo Veintiuno: 7-53.
- HARRIS, J. F. (1992), *Against Relativism: a Philosophical Defense of Method*. La Salle, Illinois, Open Court.
- KNELLER, G. F. (1980), *A Ciência como Atividade Humana*. Tradução de Antônio J. de Souza. Rio de Janeiro: Zahar; São Paulo, Edusp.
- KOYRÉ, A. (1986), *Estudos Galilaicos*. Tradução de Nuno Ferreira da Fonseca. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- MOTZ, L. & WEAVER, J. H. (1992), *The Story of Physics*. New York, Avon Books.
- PRESTON, J. (1999), *Feyerabend: Philosophy, Science and Society*. Cambridge, Polity Press.
- RAY, C. (2002), "Logical Positivism", in W. H. Newton-Smith (Org.), *A Companion to the Philosophy of Science*. Massachusetts, Blackwell Publishers: 243-251.
- SUPPE, F. (1974), *The Structure of Scientific Theories*. Urbana; Chicago; London, University of Illinois Press.